

Inauguração da Itaipu Binacional: uma narrativa pelas imagens do jornal *O Estado do Paraná* (1982)¹

Nádia MOCCELIN²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

A presente pesquisa traz considerações sobre fotografia e história. A forte ligação entre esses conceitos deve-se ao poder informacional que esta ferramenta de comunicação carrega, revelando marcas e costumes de uma comunidade ou período. Por seu caráter documental, aproximou-se também do jornalismo, que viu nas imagens outro meio de noticiar. Assim, o presente trabalho identifica a narrativa visual formada pelas fotografias veiculadas no jornal *O Estado do Paraná*, durante o ano de inauguração da Itaipu Binacional (1982), acerca da temática do abalo no ecossistema regional. Para isso, ampara-se no procedimento metodológico de Boni (2000), de intencionalidade de comunicação fotográfica, que parte da desconstrução analítica da fotografia, para identificar possíveis aproximações de significado e intenções do autor no momento da produção da imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Itaipu Binacional; *O Estado do Paraná*.

INTRODUÇÃO

Há quarenta anos, uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo e a maior delas em geração de energia começou a ser construída na América Latina, a Itaipu. O local escolhido, estrategicamente pensado, explorava as riquezas do Rio Paraná, no oeste do estado paranaense, na divisa entre Brasil e Paraguai. Um projeto que almejava para aquela região a construção de uma usina hidrelétrica, tendo em vista o rendimento energético excepcional encontrado nas águas desse rio. Por se tratar de uma área de fronteira, o projeto almejado inicialmente, que previa apenas o Brasil como construtor, teve de ser adaptado. A ideia era explorar a região de Sete Quedas, mas o país vizinho entrou em disputa com o governo brasileiro, contestando então, em 1960, o direito de fazer uma usina em conjunto, já que, ali, o leito do Rio Paraná divide os dois países. A solução para evitar possíveis desavenças diplomáticas e conflitos de fronteiras entre as nações vizinhas foi construir uma usina binacional. Em um contexto de quebra de recordes, centralizados em uma região pouco conhecida e desenvolvida no Paraná, a imprensa de todo o estado, do país e do

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduada em Comunicação Social- Jornalismo, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), email: nadia_moccelin@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), email: everlypegoraro@gmail.com

mundo voltou seus olhos ao “gigante” em construção. Com um número bastante grande de notícias veiculadas, jornais, rádios e emissoras de TV produziram matérias sobre o assunto que tratava de uma pauta de grande valor. Aliadas às narrativas textuais, as imagens também contribuíram para a construção narrativa da trajetória da Itaipu.

Sabe-se que muito se narra e se constrói por meio de uma imagem. Não apenas um momento ou uma memória, mas revela-se o contexto histórico; marcas das comunidades, grupos, ou etnias; comportamentos e condições sociais da época apresentam-se em uma fotografia. Muitos movimentos e períodos são estudados e discutidos por meio de uma imagem, que remete a quem a vê indícios de veracidade, memória e proximidade. Por tal característica, a fotografia também carrega a notícia. Dentro dos produtos da comunicação, a utilização da fotografia torna-se um instrumento eficaz para levar determinada mensagem ao destinatário, sendo fundamental para entender de modo mais complexo a sua ligação com a informação. Donos de um grande e fiel público leitor, os jornais tradicionais da capital possuíram responsabilidade e contribuição no processo de consolidar visualmente o projeto da Itaipu Binacional.

O Estado do Paraná – um jornal político-partidário

No início da década de 1950, o Paraná vivia uma fase de exaltação moderna e desenvolvimentista. A capital Curitiba contava com 180 mil habitantes e passava na época pela transição de cidade-metrópole, com diversas construções e obras de melhorias (OLIVEIRA FILHA, 2002, p. 6). A ideia do governo era apresentar a capital e todo o estado como um território em pleno desenvolvimento. Nessa época, os jornais diários no Brasil passaram por momentos importantes para sua história.

A década de 1950 passa à história pelas narrativas dos próprios homens de imprensa como o momento mais singular de sua trajetória, quando uma série de mudanças introduzidas no processo de produção dos jornais diários transforma inteiramente a face do jornalismo que se faz no país. Começa aí, no dizer desses atores sociais, a nova imprensa brasileira (BARBOSA, 2007, p. 149).

Um dos jornais que iniciaram sua história nesse período foi o diário *O Estado do Paraná*⁴. Segundo Oliveira Filha (2002), o surgimento desse jornal paranaense estava atrelado a questões e posicionamento políticos. Na época, o então governador Bento Munhoz da Rocha Neto não possuía apoio de nenhum dos jornais curitibanos e a oposição

⁴ Periódico de circulação estadual sediado em Curitiba. Fez parte do Grupo Paulo Pimentel (GPP) até o início de 2011, quando parou de circular na forma de veículo impresso e foi vendido ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM). Atualmente, suas notícias são veiculadas apenas na internet, no Paraná-Online.

da imprensa prejudicava sua avaliação pública. O reconhecimento do envolvimento político existente na época de surgimento do jornal, fora, inclusive, revelado pelo próprio veículo, em seu caderno especial em alusão aos 50 anos do impresso: “Fundado para dar sustentação ao governador Bento Munhoz da Rocha Neto [...] O ESTADO DO PARANÁ⁵” (2001, *apud* OLIVEIRA FILHA, 2002, p. 05).

Nos anos 1960, uma crise afetou as relações entre os sócios do jornal, culminando na venda do veículo para o então secretário de agricultura do estado, Paulo Cruz Pimentel. Na mesma década, ele adquiriu ainda a Rádio Guairacá e a TV Iguaçu, ambas de Curitiba, e a TV Tibagi, emissora de Apucarana, norte do estado, tornando assim o Grupo de Comunicação Paulo Pimentel líder em vendas e verbas de publicidade no Paraná (SEVERO, 2009). Nesse período, o advogado e jornalista Pimentel possuía pretensões políticas e, após a aquisição d’*O Estado do Paraná*, consolidou sua candidatura ao governo.

Na política partidária, Paulo Pimentel teve diversas participações e cargos importantes no estado. Depois da atuação como secretário da Agricultura no primeiro governo Ney Braga (1961-1965), foi eleito governador do Paraná em 1965. Passou também pelo Legislativo, onde exerceu dois mandatos como deputado federal e foi eleito deputado constituinte, em 1986. O político, em alguns momentos, fazia uso dos seus veículos comunicacionais para expor sua opinião. Um exemplo disso foi a utilização do seu jornal *O Estado do Paraná*, para explicitar publicamente sua recusa em aceitar o nome de Jayme Canet Júnior à candidatura da Aliança Renovadora Nacional⁶ (Arena) ao governo do Paraná, para as eleições indiretas que se dariam em novembro de 1974, época em que o Brasil vivia sob o regime militar. Com a ditadura, é nessa década que se inicia a censura aos meios impressos no estado.

Itaipu Binacional: a pedra que canta em construção

Na década de 1950, em meio à onda desenvolvimentista proposta por Juscelino Kubitschek – os “50 anos em 5” – iniciaram-se os estudos acerca do potencial energético existente no Rio Paraná⁷. O objetivo era instalar usinas hidrelétricas no país, a fim de incrementar a geração de energia nacional (GERMANI, 2003). Os primeiros projetos apresentados para a construção apresentavam uma usina inteiramente brasileira,

⁵ O ESTADO DO PARANÁ, terça-feira, 17 de julho de 2001, suplemento especial 50 anos, p. 5.

⁶ Partido da situação criado durante o regime militar no Brasil. Vale destacar que nesse período somente dois partidos estavam autorizados a funcionar: um deles era o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que representava a oposição; e o segundo, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que representava os militares.

⁷ O rio Paraná é fruto do encontro dos rios Paranaíba e Grande. Seu leito forma a fronteira entre os países Brasil e Paraguai.

antecipando-se às áreas fronteiriças que o leito do rio ocupava. Os problemas diplomáticos tiveram início somente quando projetos de construção da usina brasileira passaram a cogitar a região de Sete Quedas⁸ como área em potencial.

O gargalo do país era a energia. Havia muitos rios, mas poucas usinas. Na época de JK [presidente Juscelino Kubitschek, 1956-1961] fizeram duas grandes usinas, mas, ainda assim, para o processo de industrialização ser alavancado como se pretendia, era necessária a construção de mais uma usina, principalmente para abastecer o Sudeste. O governo se fixou em Sete Quedas, queria desenvolver um projeto ali, porque havia um potencial enorme e totalmente brasileiro. Nessa época não se cogitava fazer algo em parceria com o Paraguai (CARLETTO LIMA, 2010).

Contudo, o país vizinho passou a questionar os limites fronteiriços e os projetos para essa região. A proposta era desviar parte das águas das Sete Quedas para um canal, onde seriam instaladas a casa de máquinas e as turbinas (CARLETTO LIMA, 2010). Segundo Carletto Lima (2010) o projeto parecia viável até o Paraguai contestar a região, alegando que as Sete Quedas não eram brasileiras. Levando o assunto a fóruns internacionais, iniciou-se um debate sobre a divisão de águas, visto que naquela região, o leito do rio é que divide os países. A reavaliação do projeto da usina hidrelétrica considerou também outro fator político: o Paraguai, que além de questionar suas fronteiras e não aceitar a proposta da usina brasileira, unia-se à Argentina para a construção de uma hidrelétrica conjunta. Assim, no contexto latino-americano, o Brasil não estava bem: em desavença com o Paraguai e deixando os países vizinhos firmarem parcerias. Desse modo, o projeto da Itaipu teve de ser redirecionado e passou a fundamentar-se em um plano político.

Assim, durante o regime militar, em 1965, os governos do Brasil e do Paraguai se unem, anulando as pretensões argentinas de parcerias. Em 1973, o Tratado de Itaipu é firmado, dispondo os termos do empreendimento que seria construído. No ano seguinte, o canteiro de obras é estruturado e a construção do canal de desvio do Rio Paraná inicia em 1975, em Foz do Iguaçu (ZIOBER, 2014).

Os meios de comunicação da época foram responsáveis por levar informações para todo o mundo sobre a magnitude da usina. Aumento populacional, infraestrutura básica para moradia, saúde e educação dos funcionários e de suas famílias transformaram significativamente a cidade brasileira. Nos jornais paranaenses, algumas chamadas de

⁸ Sete Quedas era um conjunto de sete grandes saltos no rio Paraná, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Tal área encontrava-se dentro do Parque Nacional das Sete Quedas, criado em 1961, entre as cidades de Guaíra, no Brasil e Salto Del Guairá, no Paraguai. O alagamento dessa área para construção de uma usina resultaria na submersão completa dos saltos, descaracterizando a paisagem local, cuja existência tinha grande importância ambiental e econômica para a região, que fazia grande uso turístico das belezas naturais.

matérias exaltavam esse grande feito. Circulavam também notícias negativas acerca da construção da usina nas condições escolhidas. Havia a resistência de moradores da região que teriam suas terras alagadas, ambientalistas que prezavam pelas espécies animais e pela vegetação local que seria afetada, bem como pelo mantimento das Sete Quedas. No Brasil, uma área de 780 km² foi inundada, atingindo oito municípios do Paraná (RIBEIRO, 2002). Somam-se a esses prejuízos, a questão climática. O jornal *O Estado do Paraná*, na edição de 14 de novembro de 1982, dedicou sua página 6 para tratar da reportagem “Itaipu e o Meio Ambiente”.

O exame dos dados meteorológicos existentes, colocados no contexto da dinâmica climática continental não permitem antever repercussões climáticas significativas. No microclima, contudo, segundo os estudos dos técnicos da Binacional, deverão ocorrer alterações da umidade relativa do ar, podendo-se esperar a formação de neblinas em espaço superior ao atual, aumento da velocidade do vento na superfície, por eliminação dos obstáculos naturais e eventuais modificações na temperatura (O ESTADO DO PARANÁ, 1982, p. 6).

A intencionalidade da comunicação no fotojornalismo

Desde os primórdios da fotografia, quando o homem ainda servia-se da câmera obscura para desenhar uma vista ou uma paisagem que lhe interessasse, já era possível afirmar que a figura humana era a responsável por reger o ato fotográfico, comandando o processo de criação, a partir do objetivo que tinha em mira (KOSSOY, 2001).

Mesmo nesse período, o homem buscava capturar um fragmento da realidade e materializá-la em um algum suporte, fosse ele um desenho ou uma fotografia. Essa prática de materializar o recorte capturado perdurou mesmo após o advento da fotografia e possibilitou identificar três elementos essenciais para a produção imagética de qualquer espécie: o homem, o tema e a técnica específica (KOSSOY, 2001). A união desses elementos fornece subsídios históricos identificados por meio das mudanças apresentadas nas temáticas abordadas nessas produções imagéticas e nos novos métodos e técnicas aplicadas em seu processo.

O ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético, etc.); essa fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado) (KOSSOY, 2001, p. 39).

Por trazer tais indicações sobre o contexto de sua produção, a fotografia torna-se material da memória coletiva. Quando se tratam de lembranças e recordações, quase que de forma natural, associa-se tal fato ou situação a uma imagem recordada em nossa mente. Essa lembrança, a partir da recordação fotográfica, aciona a memória, trazendo os elementos que compunham a imagem. “Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social” (KOSSOY, 2001, p. 162). A partir do registro fotográfico, muitos acontecimentos de grande relevância social, são estudados e debatidos. Tornam-se assim referências sobre características, costumes e realidades da época, e do contexto da produção fotográfica em que foram capturados.

Com relação à produção fotográfica, especificamente, Kossoy (2001) afirma que há que se considerar ainda a intenção. Para ele, essa intencionalidade pode partir tanto do próprio fotógrafo quanto de uma terceira pessoa que o designou para a tarefa de fotografar. Em ambos os casos, a intenção fotográfica está presente e deve ser considerada. Por contar com o olhar do fotógrafo, toda imagem possui uma construção estética, criada a partir do significado e da intenção do seu autor.

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural: ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho (KOSSOY, 2001, p 50).

Se no universo da fotografia, a intenção do autor está presente e é considerada como parte integrante da trajetória fotográfica; no fotojornalismo, no qual a imagem tem como premissa informar sobre determinado fato, acontecimento ou situação, essa intencionalidade é intrínseca. Boni (2000) defende que existe uma intencionalidade de comunicação no fotojornalismo que se apresenta no discurso fotográfico. De acordo com essa proposta, durante o processo gerativo da fotografia jornalística, há uma intenção do fotógrafo que a produz, em manifestar certo olhar. Esse olhar é preconcebido a partir da construção de um significado ou leitura do que será fotografado, antes de propriamente se efetuar a captura.

No fotojornalismo, onde a imagem necessita, o máximo possível, estar carregada de informação, é inquestionável a intencionalidade de comunicação do fotógrafo. Ao manifestar essa intencionalidade, pulsa mais forte a hipótese de ele ser um tradutor da realidade presenciada, através de um recorte espaço temporal, aos ausentes do ocorrido (BONI, 2000, p.50).

Para traduzir esse significado criado e almejado por ele, o repórter lança mão de recursos e conhecimentos técnicos sobre fotografia, buscando documentar o fragmento de determinado fato, que possa “representar” a visão que teve sobre o acontecimento ou assunto. Os elementos da linguagem fotográfica podem ser desdobrados pela necessidade, objetivo e individualidade de cada fotógrafo (BONI, 2000). Planos, ângulos, composição, perspectiva, iluminação, elementos de significação e profundidade de campo são alguns dos recursos técnicos que integram a linguagem fotográfica e podem ser explorados pelo repórter, na construção da sua mensagem. Para Boni (2001), ignorar o processo de geração do produto jornalístico (a trajetória entre o produtor e o produto) é desconsiderar a premissa fundamental da comunicação, que parte da existência de um emissor, de um canal e do receptor.

Em outras palavras: não parece ser o mais correto que os leitores pura e simplesmente analisem um produto (a fotografia) atribuindo-lhe, de acordo com seu repertório, um ou mais significados, sem considerar o autor e sua intencionalidade de comunicação durante a fase de produção (processo). Não parece ser o procedimento mais sensato alijar o produtor do processo sem atribuir-lhe, sequer, caráter vicário (BONI, 2000, p. 40).

Itaipu: as fotografias do jornal *O Estado do Paraná*

O objetivo principal do presente estudo foi o de analisar a produção fotográfica acerca da Itaipu Binacional. Por meio das fotografias selecionadas, pretendeu-se verificar qual a intencionalidade de comunicação apresentada pelo material do jornal *O Estado do Paraná*, durante o ano de inauguração da hidrelétrica na região oeste paranaense, em 1982.

Foram analisadas as fotografias constituintes do acervo da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), na divisão de imprensa paranaense. Dada a quantidade de material encontrado⁹ envolvendo a inauguração da Itaipu Binacional, dois novos filtros afinaram a pesquisa. Assim, o material selecionado para análise foi recolhido da pasta intitulada Itaipu Binacional, cuja seleção dos materiais presentes na pasta foi feita pela própria equipe da BPP. Dentro dos materiais disponíveis, o estudo aqui realizado centrou-se nos conteúdos jornalísticos d'*O Estado do Paraná*, que possuíam texto e foto, relacionados à temática “abalo no ecossistema regional”. Embora sempre haja a presença do texto, a análise feita é imagética. De todas as fotografias encontradas, quatro foram selecionadas para a análise de intencionalidade na comunicação fotográfica. Para essa seleção, critérios mais específicos foram considerados, são eles: qualidade (fatores visuais que permitissem a leitura das

⁹ Outro problema foi a dificuldade de visualização das imagens, sem condições de reproduzi-las com qualidade para a pesquisa.

fotografias); relevância jornalística da imagem (importância da cena fotografada dentro do contexto da inauguração, aliada à temática da matéria), e espaço ocupado pela matéria no jornal (indica, entre outros fatores, a importância dada pelo periódico ao tema).

FIGURA 1 - Um dos saltos das Sete Quedas, em Guaíra, Paraná



Fonte: Acervo Biblioteca Pública do Paraná. Jornal *O Estado do Paraná*, Curitiba, domingo, 01 de agosto de 1982, página 19. Autor não identificado.

Em 1º de agosto de 1982, o jornal *O Estado do Paraná* deu destaque para aquela que, para grande parte da população, seria uma das grandes perdas naturais geradas pela implantação da Usina de Itaipu, em Foz do Iguaçu: o desaparecimento das Sete Quedas. Na matéria, o título que traz uma instigação ao leitor “Sete Quedas, adeus?” faz referência ao Movimento Adeus Sete Quedas Sete Quedas viverá e trata do evento realizado Quarup¹⁰, realizado em Guaíra (PR). A reportagem narra o sucesso e a superação das expectativas na ação que foi organizada por uma equipe de ecologistas. Minimamente, segundo o texto, o evento acredita que servirá para reacender a prática voltada para o resgate das raízes que, embora submersas, ainda são do Paraná.

A figura 1 tem como plano de captura o grande plano geral¹¹, que obedece a proporcionalidade dos dois terços¹² no formato retangular. Nesse tipo de imagem, o

¹⁰ Acampamento ecológico realizado como protesto contra o desaparecimento das Sete Quedas, em Guaíra (PR).

¹¹ “O Grande Plano Geral é muito próximo do Plano Panorâmico. Visualmente, a diferença mais significativa é a perda de parte do cenário no sentido horizontal e o ganho no sentido vertical” (BONI, 2000, p 65).

¹² “Proporção utilizada nas ampliações fotográficas (10x15, 12x18, 18x24, etc.)” (BONI, 2000, p. 65).

ambiente torna-se, o elemento predominante. Essa posição da captura gera uma mudança no processo de leitura causada pelo movimento¹³, que nessa imagem foi explorado com o curso d'água do salto. Embora a matéria enfatize como ponto principal o evento Quarup e o sucesso de sua realização, o título “Sete Quedas, adeus?” e a fotografia utilizada para compor a página geram uma leitura muito mais diretamente relacionada à preocupação e à evidência indiscutível dessa beleza natural com a proximidade da data do enchimento do reservatório de Itaipu. Mesmo o evento sendo importante, o destaque maior é para o efetivo desaparecimento das quedas. A intencionalidade da comunicação na mensagem fotográfica é clara nessa imagem, não só pelos componentes presentes na fotografia, mas pela escolha do olhar fotográfico em evidenciar a beleza de um retrato das quedas, que pode não ser mais capturado pelas lentes fotográficas e nem pelos olhos de tantos turistas, em um futuro próximo. Além disso, está presente tanto na imagem, quanto na pergunta que dá título à matéria, um tom bastante melancólico. Essa desolação, que ao mesmo tempo instiga o leitor a pensar, refletir sobre o real desaparecimento das Sete Quedas, também decreta, de forma fatalista, a proximidade do fim dessa “história”: as quedas de Guaíra vão desaparecer.

FIGURA 2- Com início da formação do lago, diversos peixes morrem nas águas do Rio Paraná



Fonte: Acervo Biblioteca Pública do Paraná. Jornal *O Estado do Paraná*, Curitiba, terça-feira, 26 de outubro de 1982, página 11. Autor não identificado.

A segunda fotografia selecionada (Figura 2) foi publicada no mês de outubro, período em que teve início a formação do lago de Itaipu. A chamada “Águas de Itaipu causam a morte de milhares de peixes” abre a matéria que narra o fatídico episódio de mortes de cascudos no leito do rio. Os saltos das Sete Quedas estavam prestes a

¹³ “Fotografias que representam movimento, o que se pretende é estender o raciocínio do leitor para a continuidade da cena da qual se congelou apenas um fragmento espaço temporal” (BONI, 2000, p. 87)

desaparecer, quando, segundo o jornal, milhões de cascudos, acostumados com as corredeiras dos saltos começaram a saltar para fora do lago ou tentar subir rio acima, tentando fugir da calmaria das águas, que trazia problemas de pressão e oxigenação. A única fotografia da matéria conta com a legenda “O desespero dos peixes foi a alegria dos pescadores”.

Das imagens selecionadas, essa é a primeira que apresenta o elemento humano em sua composição. A fotografia foi capturada em plano geral¹⁴, que permite mostrar a quantidade de pessoas envolvidas no fato e também o equilíbrio dado pelo fotógrafo entre os elementos homem e ambiente, na ocorrência registrada. Para que as informações sobre os peixes, a alegria dos pescadores e o próprio lago pudessem estar presentes na imagem, o fotógrafo utilizou-se de um ângulo elevado¹⁵, que possibilitou maior visibilidade da ação. Além disso, a fotografia apresenta profundidade de campo, que permite ao leitor visualizar com clareza o cenário em questão. Nessa técnica, não há foco seletivo e todos os elementos inseridos na imagem possuem nitidez. Pela maior aglomeração de pessoas no primeiro plano, o leitor pode percorrer seu olhar, primeiramente, por este grupo de homens mais à frente na imagem. Se esse for o caminho percorrido, o fato como um todo é de fácil entendimento, visto que ali percebe-se a movimentação de cinco homens, munidos de um grande saco, já com algo (subentende-se que sejam os peixes) em seu interior.

Mesmo com a legenda da fotografia fazendo referência à alegria dos pescadores com a morte dos peixes, essa suposta “euforia” não ganhou destaque evidente na imagem que, na captura preferiu privilegiar a situação como um todo, recortando um fragmento da realidade presenciada. O posicionamento corporal dos pescadores, todos cabisbaixos, sem significativas expressões faciais de alegria e exultação, reforça essa contrariedade à euforia mencionada na legenda.

FIGURA 3– Operação *Mymba Kuera* em ação

¹⁴ “É normalmente usado para identificar ou referenciar o local onde transcorre determinada ação, sem destacar elementos do cenário com muita evidência. Uma das principais vantagens do Plano Geral é seu valor descritivo. Ele tem a capacidade de situar a ação e o homem no ambiente em que ocorre a ação” (BONI, 2000, p. 66).

¹⁵ “Quando a câmera estiver acima [do tema ou motivo a ser fotografado], diz-se que o ângulo é elevado ou *plongé* (mergulho)” (BONI, 2000, p. 85).



Fonte: Acervo Biblioteca Pública do Paraná. Jornal *O Estado do Paraná*, Curitiba, domingo, 14 de novembro de 1982, página 6. Autor não identificado.

A terceira fotografia (Figura 3) selecionada para análise foi capturada após a formação completa do lago de Itaipu. A reportagem “Itaipu e Meio Ambiente” faz uma contextualização geral dos grandes recordes da construção da Itaipu Binacional e dos exuberantes números alcançados por ela, em sentidos diversos. Com o lago já formado, a matéria faz uma espécie de avaliação das ações e da postura da Itaipu, com relação ao plano básico de conservação do meio ambiente; meio ambiente físico; estudos climáticos; inventários florestais; inventário faunístico; ictiológicos (estudo dos peixes); meio ambiente social; estudos arqueológicos e acordos sanitários.

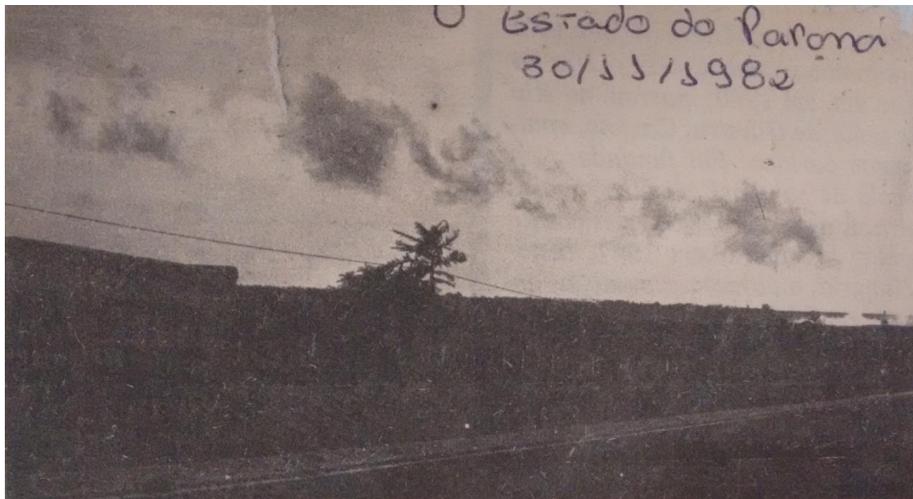
A imagem foi capturada durante uma das operações organizadas pela Itaipu para resgatar animais na região do lago. A legenda da fotografia é “Operação *Mymba Kuera* (pega bicho): o homem protegendo o animal”. A ideia de apresentar o elemento humano como protetor dos animais foi bem abordada pelo fotógrafo em questão que, em sua fotografia, compôs bons elementos de leitura, tais como os homens sorridentes, o lago da Itaipu Binacional e o animal capturado. O plano de enquadramento dessa imagem é o americano¹⁶, que sobrepõe os elementos vivos da fotografia. Além disso, o corte na altura da cintura deixa claro ao leitor que a atenção deles deve centrar-se no movimento dos braços e da cabeça, pontos ricos em informação na imagem. Ali, os três seres vivos (dois

¹⁶ “Trata-se de um plano onde o sujeito também interage com o ambiente e, por ser um componente vivo, sobrepõe-se a ele. A diferença marcante entre os planos Médio e Americano é que este corta o elemento humano pelos joelhos ou pela cintura, enquanto aquele, normalmente, enquadra o elemento humano por inteiro no fotograma” (BONI, 2000, p. 70).

homens e o animal) possuem grande importância na mensagem fotográfica e, com o auxílio do ângulo *contre-plongé*¹⁷, foram valorizados na ótica do leitor.

Os elementos vivos da imagem trazem para a fotografia um grande peso. Nos elementos humanos, a ênfase está na expressão facial de ambos. Sorridentes, ambos exaltam sua alegria ao olhar para o animal capturado. No homem que está mais a frente, a logomarca da Itaipu Binacional caracteriza-o como funcionário da multinacional e evidencia que está a serviço dela naquele momento, importando-se com ecossistema. É esse indivíduo também que segura o terceiro elemento da imagem, que é o animal resgatado. No personagem mais ao fundo (segundo elemento humano), a referência à usina aparece em seu boné. No corpo, um colete salva-vidas sugere uma possível situação de risco na atividade que está ocorrendo. O terceiro e último elemento vivo é um animal, que pelas mãos humanas foi resgatado nas águas do lago de Itaipu. A imagem foi construída de tal maneira, que a positividade em torno da ação que está ocorrendo é indiscutível. Soma-se ainda à figura 3, o movimento na fotografia que passa ao leitor, a sensação de continuidade na ação.

FIGURA 4- Excesso de nuvens em torno dos vertedouros da Itaipu



Fonte: Acervo Biblioteca Pública do Paraná. Jornal *O Estado do Paraná*, Curitiba, terça-feira, 30 de novembro de 1982, página 11. Autor não identificado.

Com a manchete “Lago de Itaipu sobe e aumenta os riscos”, o texto da reportagem da figura 4 ocupa uma porção pequena da página 11, onde dois parágrafos e uma fotografia abordam o excesso de nuvens nos vertedouros da usina. A imagem traz uma legenda que

¹⁷ “O ângulo baixo ou *contre-plongé* valoriza o elemento, criando uma ilusão de ótica que ressalta sua grandeza. Quando se trata de fotos de pessoas, o *contre-plongé* valoriza o sujeito fotografado em relação ao leitor. Cria, pela angulação de tomada, uma sensação de grandeza, de imponência” (BONI, 2000, p.86).

contextualiza ao leitor que “O vertedouro (ao fundo, à direita) é uma ‘fábrica de nuvens”. Os riscos apontados pelo título dizem respeito à alta umidade na região, que favorecia a elevação do vapor do vertedouro, formando conjuntos de nuvens. Essa aglomeração das nuvens gerou nos moradores a desconfiança que a Itaipu fosse a culpada pela grande quantidade de chuva que caiu nesse período. As chuvas excessivas fizeram com que o lago subisse mais rápido do que o previsto e aumentasse o risco de eutrofização¹⁸. Além disso, as águas do lago estavam próximas de atingir a cota máxima de 120 metros, fato que estava previsto para ocorrer apenas em julho de 1983.

Na fotografia publicada com essa matéria, a paisagem volta a predominar. Capturada em grande plano geral, o enquadramento feito buscou reunir a maior amplitude possível dos elementos, que podem ser compreendidos, em sua totalidade, pela profundidade de campo. O ângulo adotado na produção fotográfica foi o normal¹⁹, que coloca o leitor na mesma posição em que o fotógrafo se encontrava no momento da captura, dando a ele (leitor), a noção de perspectiva real dos elementos.

A composição fotográfica nessa figura traz elementos de significação²⁰ que pretendem traduzir o olhar e a mensagem do autor, pois conduzem a leitura. O conjunto de nuvens e o vertedouro são dois elementos de significação que permitem ao leitor estabelecer uma relação entre ambos no fato noticiado pela matéria. Se a imagem capturasse apenas o conjunto de nuvens evidenciado no céu, muitas seriam as leituras e os significados que o leitor poderia gerar. Mas a inclusão, ao fundo, do vertedouro de Itaipu, conduz a compreensão do leitor a associar os dois componentes. A própria linearidade e o movimento das nuvens, congelados na fotografia, são condutores de sentido para quem a lê.

Nessa imagem, fica evidente a intencionalidade de comunicação do fotógrafo com o leitor, tendo em vista que o autor, primeiramente construiu um significado para a leitura do fato e, na sequência, buscou através de determinados elementos ou ícones, traduzir esse significado em sua fotografia. Para tratar dos riscos gerados pelo aumento do lago, a fotografia poderia apresentar as margens do rio em alta, a vegetação flutuante aglomerada, ou até mesmo, algum registro das chuvas no oeste.

¹⁸ Processo através do qual um corpo de água adquire níveis altos de nutrientes, como fosfatos e nitratos, provocando o posterior acúmulo de matéria orgânica em decomposição. Resulta também na superpopulação de algas e vegetação flutuante.

¹⁹ “O uso do ângulo normal é o que retrata com maior fidedignidade de forma e proporção o elemento fotografado” (BONI, 2000, p. 86).

²⁰ “Por elementos de significação entendem-se elementos que possam auxiliar o leitor na construção de um significado” (BONI, 2000, p. 98).

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como premissa refletir e evidenciar a fotografia como um instrumento do discurso jornalístico, capaz de firmar visões e gerar sentidos de leitura. Utilizando a proposta de intencionalidade de comunicação fotográfica (BONI, 2000) para mostrar o processo de criação de significados e intenções discursivas, realizado por elementos técnicos pelos profissionais fotográficos, o estudo ressaltou a importância de se considerar o percurso gerativo também nas produções jornalísticas voltadas à fotografia.

Considerando tais apontamentos, foi possível perceber que o discurso fotográfico do jornal curitibano *O Estado do Paraná* foi variável ao tratar de um tema considerado polêmico acerca da inauguração da Itaipu Binacional: o abalo do ecossistema regional. Em suas matérias, há temas que foram exaltados e, também, temas que foram criticados, por meio das fotografias veiculadas pelo impresso. De formas diversas, o jornal apresentou olhares sobre a inauguração da usina, ora retratando os benefícios e grandes feitos da Itaipu, ora apresentando os contras da execução desse projeto. Assim, compreende-se que *O Estado do Paraná*, dentro das suas possibilidades e limitações, noticiou, com materiais fotográficos minimamente, dois aspectos da inauguração da Itaipu Binacional: sua magnitude e suas problemáticas ambientais.

O estudo buscou chegar o mais próximo possível da intencionalidade do autor(es) fotográfico(s), por meio da reflexão dos recursos técnicos utilizados por ele(s), sem desconsiderar que a leitura fotográfica é composta por códigos abertos e contínuos, que sempre permitirão leituras diferentes e atualizadas. Mesmo considerando que são apenas aproximações de leituras, a pesquisa realizada enfatiza a relevância e riqueza de se estudar e refletir sobre as produções e a prática fotojornalística.

Considerando o universo da fotografia, o estudo pondera também a produção fotográfica e sua relação com a memória social e coletiva. Entende-se que as imagens veiculadas pelo jornal *O Estado do Paraná* acerca do tema da inauguração da Itaipu e do seu abalo no ecossistema regional são responsáveis pela construção de um discurso acerca da usina, que ainda se mantém na memória de muitas pessoas. Certamente, o periódico curitibano contribuiu para a formação da visualidade da Itaipu, em olhares diversos e contraditórios.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

- BONI, Paulo César. **O Discurso Fotográfico:** a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CARLETTO LIMA, Ivone. **As águas turbulentas da discórdia:** depoimento. 15/05/2010. Curitiba: Gazeta do Povo. Entrevista concedida a Breno Baldrati. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1003141>.
- GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados.** Terra e Água: o conflito de Itaipu. Canoas: ULBRA, 2003.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. Ed. SP: Ateliê Editorial, 2001.
- O ESTADO DO PARANÁ. **Águas da Itaipu causam a morte de milhares de peixes.** O Estado do Paraná, Curitiba, 26 de outubro de 1982.
- _____. **Itaipu e o meio ambiente.** O Estado do Paraná, Curitiba, 14 de novembro de 1982.
- _____. **Lago de Itaipu sobe e aumenta os riscos.** O Estado do Paraná, Curitiba, 30 de novembro de 1982.
- _____. **Sete Quedas, adeus?** O Estado do Paraná, Curitiba, 21 de agosto de 1982.
- OLIVEIRA FILHA, Elza. **Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos:** Gazeta do Povo e O Estado do Paraná. Cadernos da Escola de Comunicação da Unibrasil, v. 02, 2004.
- RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Memórias do concreto:** vozes na construção da Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- SEVERO, Ana Karla. **Um Olhar sobre Três Jornais Paranaenses e suas Relações de Comunicação, Consumo e Práticas Sociais.** Revista Anagrama, ano 3, edição 2, 2009.
- ZIOBER, Beatriz Ramalho. **Ações para a salvaguarda da biodiversidade na construção da usina hidrelétrica Itaipu Binacional.** Ambiente & Sociedade, v.17 São Paulo, 2014.